SUA INCELENÇA: O REI DO CONGO: O POETA CARLOS DE ASSUMPÇÃO

PREFÁCIO

A geração a que pertenço é tumultuosa.
Ela despertou para a literatura em meio a ditadura. Parecia que ela continha em si uma revolução, uma revolta, nunca desilusão. Era o eco abafado.
“Por que a mensagem de “”Se 10 pessoas na década de 70 conseguiram fazer isso no meio de uma ditadura, porque você, no seu país, na sua realidade, não pode? (Daniel Dreifuss).
Não é pelo sacrifício, mas pela via da renúncia que se chega ao absoluto. Viver e escrever são sinônimos para ela. A poesia, enfim, não é uma questão de palavras, mas de experiência do mundo.

Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos e São Benedito das nações dos negro do Congo – 12/10/1851 – dia de Nossa Senhora do Rosário.

Cantiga:

Princesa Dona Clara
Para onde vai? – Vou passeá.
Eu vou para Luanda
Vou quebrá Saramundá.
Eu vou, eu vou
Eu vou para machá.
Eu vou para Luanda
Eu vou para Luanda
Vou quebrá Samundá.

Dedicatória

Para Donizete Augusto
Aparecido Augusto da Silva
Zacharias
João Batista Félix
Hamilton Bernardes Cardoso (in memorium)

“O que vocês esperavam ouvir quando estas bocas negras se vissem livres das mordaças? Que gritassem frases doces, amenas?”
Jean Paul Sartre

Sinopse

Sua Incelença, o rei do Congo: poeta Carlos Assumpção é a s

história de um “sem-teto” catador de papelão que se julga ser o rei do Congo. Uma linda história do poder que a poesia na sua própria viagem épica extraordinária exerce sobre os sentimentos e o destino do homem. É, também, a descoberta da poesia de Carlos Assumpção e Solano Trindade, de como é capaz de no limite fazer com que um simples miserável “sem-teto” exerça todo o poder da palavra, o dom e a eloquência do poeta, pela qual alega ter trocado sua alma. Bradando em alto e

bom som que é, agora, por direito dos seus orixás, o poderoso e inesperado rei do Congo.

Impossível? Ou, um simples capricho poético? Os "santos" nos fazem congada, que o que vemos é mais que a loucura ou a imaginação de um negro "sem-teto". Como condenar a alegria das danças do ator no espetáculo, a conversa sincera e as brincadeiras sem objetivo aparente? O Rei do Congo fala como o poeta Carlos Assumpção, brinca com as palavras como Solano Trindade. Podemos, até, acreditar no que veem nossos olhos, ou mesmo, duvidar da nossa razão.

Se é o espírito do poeta que "baixou" no negro miserável? Se o Caboclo Sete Encruzilhadas num ponto de macumba aceitou a alma do pobre negro em troca do dom do poeta Carlos de Assumpção? É um segredo reservado para o desfecho do espetáculo. Ou, para o final do livro.

SUA INCELENÇA: O REI DO CONGO,
O POETA CARLOS DE ASSUMPÇÃO

Luís Serafim

CENÁRIO: UMA MESA DE CARRETEL DE FIOS TELEFÔNICOS, BANQUINHO, POLTRONA VELHA, E A INSTALAÇÃO DE DOIS MANEQUINS. O cenário é despojado, um carrinho de armazenar papelões com um rádio acoplado (música em caixa é como se o ator ligasse o rádio) Uma pequena mesa que é um carretel de fios telefônicos. Uma cadeira, sem encosto e uns badulaques (panelas, etc.) Uma poltrona (trono)

O figurino simples de um sem teto, apenas quando é coroado, veste um paletó amarelo e a colcha remendada sobre os ombros e uma coroa de latas de Coca-Cola. A indumentária (como a do Bispo do Rosário).

Neste espetáculo a iluminação é 90% geral e só em alguns palcos usaremos uma iluminação vermelha para realçar a dança da bailarina. A dança voluptuosa (Ave das Trevas)

Um altar feito de caixotes de santos de Umbanda.

JUSTIFICATIVA – O Exu como o mito do diabo, é representado por uma mulher voluptuosa (como a fome, a peste, etc.). A cena focaliza a semi-figura de Exu e emprego

teatral da macumba. O papel de Exu é consideravelmente minimizado na peça. Em capítulos precedentes discuti a irreverência, o sarcasmo e a piada. São características próprias de Exu, manifestadas numa variedade de macumba conhecida como Umbanda. As variações folclóricas (Como a Congada) Também são bastante teatrais e permitem que o grupo encha a cena com a

vivacidade da dança, do ritmo, do movimento, da música e da cor.

AÇÃO : O ATOR DECLAMA PARA DOIS MANEQUINS, ESTÁ COM UM CAJADO, MALA, CHAPÉU, ÓCULOS E UM CARRINHO DE CATADOR DE PAPELÃO.

SURGE EM OFF(ÁUDIO: O POEMA “PROTESTO”)

ATOR: Tô ouvindo o homem, cês tão escutando? (Declama)

Quem tá gemendo?
Negro ou carro de boi?

Carro de Boi geme quando quer
Negro não
Negro geme porque apanha
Apanha pra não gemer

Gemido de negro é cantiga
Gemido de negro é poema

Geme na minhalma
A alma do congo
Do Niger da Guiné
De toda África enfim
A alma da América
A alma Universal

Quem tá gemendo
Negro ou carro de Boi?

ATOR: (Preâmbulo na frente do palco)

Assim é Carlos de Assumpção, de rosto tisnado de África, irmão e camarada de todos nós por que tem um sol na alma e um tambor no peito.

“Olorum Ekê!” Manso e duro negro, filho de Mateus Carlos, um jardineiro de Tietê e neto de uma africana, que se destacou na guerra dos Malês.

Para organizar o guri, o jardineiro seu pai se deitou com Sebastiana, filha de Maria da Igreja de Tietê. Ela tinha a cor arroxeada, o andar banzeiro e os cabelos em carapinha, como o cabelo de São Benedito dos Martírios. “Odudua” Yemanjá e Oxum assistiram ao brinquedo deles.

Depois, quando o guri estava no tamanho de Macunaíma, no tempo em que Macunaíma era levado mão da cunhada, mulher de Jiguê. “Obalabou” que veio para evitar os males Oxum, e lhe deu a missão de artista do seu povo e de poeta para evocar os orixás e ecoar a sua voz num toque de reunir todos os irmãos. “Mentiras, ouropéis, nada, nada o fará calar. “Olorum Ekê!”

DECLAMA: “RAIZES

Estou de volta pra casa
Estou de volta a meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar

Oxum passeia na praça
Xangô conversa no bar
Hoje de volta pra casa
Converso com meus Orixás

Estou de volta pra casa
Aqui tudo é natural
Té felicidade é fruto
Que se consegue alcançar

Enfim reencontro a fonte
Donde Axé jorrando está
Estou de volta pra casa
Estou de volta ao meu lar
A vida aqui tem sentido
Aquie é que é meu lugar

Aqui tem congada, samba
Batuque para se dançar
Tem mulheres lindas lindas
Lindas feito Yemanjá
Mulheres de largas ancas
E doce encanto no olhar

Estou de volta pra casa
Estou de volta ao meu lar
A vida aqui tem sentido
Aqui é que é meu lugar

Agora livre do abismo
Livre pássaro a voar
Aqui tenho vida plena
Com a benção dos Orixás

Estou de volta pra casa
Estou de volta ao meu lar
Hoje vivo como vive
Caracol no meu quintal.
(Pausa)

Assumpção casou, botou filhos no mundo e fez poesias para eles, a turma da canela suja. Fez, também para as mulheres que passaram por sua vida (Delira) Oh! Essas negra bonita!; a negrinha Luci que não pode entrar para a Universidade; os Palmares; Zumbi, o barbeiro da sua rua; a chuva que caiu de madrugada (Pausa)

O avô não foi um Pai João humilde e manso- mesmo vovó não foi de brincadeira, pois na Guerra dos Malês ela se destacou.

(Gritando) “Olha lá, lá vem ele, o rei do Congo”

A vida, gente, é um grande e monumental poema. Minha alma são estrofes, são versos neste grande e monumental poema.

“Princesa Dona Clara
Para onde vai? – Vou passeá.
Eu vou para Luanda
Vou quebra Saramundá.
Eu vou, eu vou
Eu vou para machá.
Eu vou vou para Luanda
Eu vou para Luanda
Vou quebra Saramundá

(Pausa, o ator senta no palco)

As veiz tem dia que eu garro a pensá. (Pausa) É preciso cavoucar muito para encontrar um poeta. (Pausa) As veiz, leva um bocado de tempo, té uma vida inteira.

As veiz depois de encontrar um, tem de passá na peneira, igualzinho panhá café. (Pausa, gestos imitando o movimento) Cê bana, bana, tira as foias, joga as pedra fora até sobrá um café vermeio que nem sangue, aí ocê torra ele pramodi ele fica pretim. Mói ele. Ferve a água quente, coa no coador de pano. Pronto. (Dá um salto e encara a platéia) Sou o preto mais preto que os seus olhos já viram (Dança)

Declama: BATUQUE

Tenho um tambor
Tenho um tambor
Tenho um tambor

Tenho um tambor
Dentro do peito
Tenho um tambor

É todo enfeitado de fita
Vermelhas, pretas, amarelas
e brancas